

INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS: UMA ALTERNATIVA PARA A MATEMÁTICA EXCLUDENTE

Coordenador: ANGELA SUSANA JAGMIN CARRETTA

Oportunizar à clientela de baixa renda o acesso a um ensino de qualidade, reverter a idéia de que a matemática é excludente, compreender o fracasso escolar, conhecer as histórias de vida de nossos alunos, possibilitar diagnóstico psicopedagógico, oferecer atendimento psicológico, refletir a problemática da criança, criar alternativas para a construção e revitalização de conceitos matemáticos, é sonho do educador matemático. Sonhar... respeitar... compreender... criar... agir... reverter... Ações amplas, complicadas, idealistas, mas realizáveis a partir da análise da situação da educação no Brasil e do suporte de diferentes profissionais: educador matemático, psicólogo e psicopedagogo. Baixos índices de aproveitamento escolar, especialmente em matemática, são amplamente divulgados pela imprensa, toda vez que instrumentos de pesquisa promovem avaliações. A experiência do fracasso escolar traz conseqüências ao sujeito e a sociedade. Segundo Corina Dotti (1993), além de ser prenúncio da exclusão, o aluno começa a ler nas entrelinhas uma mensagem de que a escola não é para ele, que ele não dá para estudar. Além de desperdício financeiro, produz cidadãos que se situam à margem da cidadania. Entre análise, conversas e sessões de estudo, surgiu a idéia de um trabalho interdisciplinar entre o Curso de Licenciatura em Matemática e o de Psicologia da Universidade da Região da Campanha, Bagé, RS; mais precisamente entre o SIPA (Serviço Integrado de Psicologia Aplicada) e o Laboratório de Matemática da URCAMP. E, em agosto de 2007 nascia o projeto "Intervenções Psicopedagógicas: uma alternativa para a matemática excludente", o qual promove, semanalmente, oficinas de matemática para alunos que estão em atendimento psicológico, desencadeia a investigação-ação da aplicabilidade da teoria-piagetiana; seleciona, e confecciona material pedagógico adequado às etapas de desenvolvimento das crianças diagnosticadas pelo SIPA; realiza, mensalmente reunião entre os profissionais envolvidos para avaliar a validade do trabalho realizado. O primeiro passo das intervenções psicopedagógicas, realiza-se através do diagnóstico proposto no DIFAJ (Diagnóstico Interdisciplinar Familiar de Aprendizagem em uma Jornada). O paciente, seus pais e seus irmãos são atendidos por aproximadamente 2 horas e meia, sendo que, eles participam de diferentes modalidades de 1ª entrevista, o que permite a execução do diagnóstico prévio. E, ao final, é realizada a devolução dos resultados tanto para o paciente, os pais e os irmãos. Após a devolução, o paciente, pais e irmãos são informados dos procedimentos que se

seguirão. Ou seja, é dada a indicação terapêutica e sugeridos os encaminhamentos necessários, assim como as atividades que serão propostas tanto para o paciente, quanto para seus pais e professora. A cada semana realiza-se um DIFAJ, e, ao serem concluídos quatro, imediatamente começa-se o tratamento grupal das crianças, dos pais e dos professores. Os serviços de tratamento que são oferecidos acontecem em grupo de no máximo 06 crianças, e concomitante a este atendimento seus pais são orientados em grupo. Caso seja detectado fracasso escolar ou dificuldades de aprendizagem em matemática, as crianças são encaminhadas às oficinas semanais. As referidas oficinas são acompanhadas por estagiários de psicologia, acadêmicos de matemática e a coordenadora desse projeto. As oficinas promovem a ludicidade. Teorias educacionais da atualidade têm como intersecção o fato de que os indivíduos são agentes ativos, buscando construir seus conhecimentos dentro de um contexto significativo. Estabelecer conexões entre o aprendente, sua história de vida, seus desejos em aprender, sua capacidade em resolver problemas, sua criatividade, promovem as sessões de estudo no Laboratório de Matemática. Alicia Fernandez (2001), enfatiza que "o mais importante na experiência de aprender é o indivíduo saber que é capaz de fazer, que tem poder de aprender". Em seu livro "O saber em jogo", afirma que a aprendizagem é um processo que envolve vínculos entre quem ensina e quem aprende e que aprender deve ser prazeroso. Deve ser uma experiência boa e não uma perturbação ou sofrimento. Quem aprende constrói seus conhecimentos, ou seja, para ela, a aprendizagem é um processo de autoria individual, de cada aprendente. Por outro lado, o ensinante deve acreditar e desejar que o aprendente aprenda. Por estas e outras razões, as oficinas de matemática podem reverter a realidade dessas crianças quando contemplam o aspecto lúdico. As intervenções são feitas em prol da conquista da autonomia, visando o gosto pela Matemática, o resgate da auto-estima, a alegria de aprender, de ser o autor de sua aprendizagem. A estrutura da clínica-escola e do Laboratório de Matemática da URCAMP enfocou o problema de vários ângulos: o aprendente, seus familiares, a escola - representada pelo professor ou supervisor/orientador, o educador matemático, o psicólogo, o psicopedagogo, rompeu com a idéia de que há um culpado para esta situação. Somos todos co-responsáveis pelo processo de aprendizagem destas crianças, nos mantemos unidos por um objetivo comum: promover o desenvolvimento cognitivo e social do indivíduo. O renomado educador matemático Ubiratan D'Ambrosio (1996, p.26-28), afirma que a escola necessita formar cidadãos matematicamente alfabetizados que saibam como resolver, de modo inteligente, seus problemas. Participando das atividades pedagógicas lhes é permitido tomar decisões, concluir e expressar suas idéias sem receio da crítica. À medida que vencem suas

frustrações em relação a Matemática, agem com confiança, são mais participativos, aumentam a capacidade em enfrentar os desafios com segurança, permitindo que a alegria da brincadeira se confunda com a aprendizagem escolar. Em seus rostos é possível ver um breve sorriso e um brilho no olhar. Quando encorajados, expõem seus desejos e escolhem os jogos e atividades que lhes despertam maior interesse. Atividades que envolvem o pensamento geométrico são solicitadas durante as oficinas. Construir figuras com o Tangram e confeccionar o Tapete Colorido com os Pentaminós são as favoritas no momento. Além das oficinas no Laboratório de Matemática, desde o final de maio de 2008, fazemos intervenções psicopedagógicas com crianças de segunda série do Ensino Fundamental de uma escola pública Estadual - E E E F Professora Julinha Costa Taborda, a pedido da Supervisão Escolar. Duas vezes por semana, nos dirigimos à escola e atendemos um grupo de 8 a 14 crianças. Destes, apenas um é multirepetente e um é atendido por fonoaudiólogo. São crianças que apenas exigem novas estratégias de ensinagem. Em pouco tempo, percebemos que bastava estimular o raciocínio e despertar-lhes o desejo de aprender. Alternativas de solução dos problemas e estratégias de cálculo estão surgindo. Entre os acadêmicos e professores, cresce o desejo de encontrar alternativas de ensinagem, capazes de reverter a situação de caos em que se encontra o ensino de matemática. Muito estudo nos espera. Deste projeto de extensão deverá nascer, em breve, um projeto de pesquisa com os professores das escolas freqüentadas pelas crianças assistidas pelo SIPA. O projeto intitulado "Eis a questão: ser ou não ser alfabetizado em matemática" virá complementar nossa ação para que possamos aprimorar constantemente nossa prática educativa.